

**CALLADO, CEM ANOS**

Neste ano, no dia 26 de janeiro, o Brasil deveria ter comemorado com orgulho, pompa e circunstância o centenário de nascimento do escritor, dramaturgo e jornalista Antônio Callado. No entanto, salvo alguns poucos textos na imprensa dessa terra sem memória não ocorreu o que o escritor merecia. Li quase todos os seus livros, de “Quarup” a “Memórias de Aldenham House”, um biscoito fino para quem gosta de romances policiais, mas que é muito mais que isso, é um daqueles livros que não queremos que terminem nunca, ainda mais para um leitor inveterado de obras sobre a II Guerra Mundial. O fluminense Antônio Callado (nasceu em Niterói) iniciou sua carreira em jornais cariocas e foi para Londres trabalhar na BBC durante a II Guerra Mundial, tendo permanecido na Europa até 1947. Lá, casou-se com uma funcionária britânica da BBC, com quem teve seus três filhos.

Quando retornou ao Brasil, logo foi integrado às redações dos principais jornais cariocas (então a capital do país), fez um livro (Tempo de Arraes) com grandes reportagens sobre as Ligas Camponesas e seu líder Francisco Julião, livro recentemente republicado, quando tive oportunidade de lê-lo. Na mesma época, décadas de 1950-60, foi redator-chefe do jornal Correio da Manhã, quando publicou vários livros de sua dramaturgia, como “Pedro Mico”.

Foi após o golpe militar de 1964, ao qual se opôs firmemente e que motivou suas duas prisões, que se tornou de fato um romancista engajado politicamente. Ao mesmo tempo, continuou no jornalismo, chegou a cobrir a Guerra do Vietnã. Seus romances “Quarup”, “Bar Don Juan” e “Reflexos do Baile” tratam daqueles tempos escuros, de repressão ditatorial.

Quarup é o mais famoso deles, que tira seu título de um ritual de celebração realizado pelos povos indígenas da região do Xingu em homenagem aos seus mortos ilustres. O romance procura, através seu principal protagonista, o padre Nando, fazer o retrato de um país em conflito, equilibrando-se entre o golpe e a democracia ainda precária, não consolidada, num país que se urbaniza aceleradamente com o êxodo rural. A história começa no início do governo de Getúlio Vargas, na década de 1950, e vai até o golpe militar de 1964, com as primeiras perseguições e torturas da ditadura militar. A maior parte da narrativa se dá nas reservas indígenas do Xingu, onde padre Nando irá aos poucos se integrar à dura realidade local, num tempo em que a Igreja Católica tinha mais importância que hoje e que suas lideranças combatiam a injustiça com mais vigor. A crítica literária tem considerado o livro uma das obras mais representativas do Brasil após a instauração do Regime Militar.

Também recomendo “Sempreviva” e “A expedição Montaigne”, ambos constituem leituras agradáveis. Nestes tempos sombrios, recordar Callado nos dá ânimo para continuar a luta e não ficar calado diante do que está ocorrendo.

Mauro Ferreira é arquiteto